

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOÃO BOTELHO – OS FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É A MANEIRA DE AS
CONTAR
16 de setembro de 2022

OH, LISBOA MEU LAR! / 2010

Realização: João Botelho / Textos de Fernando Pessoa / Organização dos textos e imagens: João Botelho / Direção de fotografia: João Ribeiro / Montagem: João Braz / Som: António Pedro Figueiredo / Música: Wagner, Strauss, Camané / Com: Bruno Teles, Constança Villaverde Rosado, Graciano Dias, Francisco Tavares, Joana Cunha Ferreira, João Barbosa, João Brito, Maya Booth / Voz: Mário Barroso
Produção: Ar de Filmes / Produtor: Alexandre Oliveira / Cópia: digital, cores / Duração: 23 minutos / Estreia: Portugal, Festival IndieLisboa, 24 de Abril de 2010 / Primeira apresentação na Cinemateca

ANQUANTO LA LHÉNGUA FUR CANTADA / 2012

(Enquanto Esta Língua For Cantada)

Realização: João Botelho / Direção de Fotografia: João Ribeiro / Montagem João Braz / Guarda-Roupa: Vera Midões / Som: Francisco Veloso / Música: canções tradicionais do Planalto Mirandês compostas e adaptadas por Gabriel Gomes / Com: Catarina Wallenstein, Gabriel Gomes, Paulo Meirinhos, alunos da Escola EB de Miranda do Douro, Ana Maria, Pedro Raposo, Aureliano Ribeiro
Produção: Ar de Filmes / Produtor: Alexandre Oliveira / Cópia: digital, cores, em Mirandês com legendas em português / Duração: 52 minutos / Estreia: 5 de março de 2012 / Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa

LA VALSE/ 2014

Realização e argumento: João Botelho / Direção de Fotografia: João Ribeiro / Montagem: Edgar Alberto / Som: Francisco Veloso / Música: Maurice Ravel / Coreografia: Paulo Ribeiro / Direção Artística CNB: Luísa Taveira / Direção de Arte: Sílvia Grabowski / Caracterização Sano de Perpessac / Intérpretes: Nuno Vieira de Almeida, Joana Gama, João Ricardo, Maria Tengarrinha, Samuel Bjork Fanhais, Ricardo Lameiras e os bailarinos da Companhia Nacional de Bailado.
Produção: Ar de Filmes e Companhia Nacional de Bailado / Produtor: Alexandre Oliveira / Cópia: digital, preto e branco e cor / Duração: 20 minutos / Estreia: Lisboa, teatro Camões, 24 de maio de 2012 / Exibido na Cinemateca 4 de julho de 2014

Filmes de João Botelho

Esta sessão é composta por três curtas-metragens de não ficção que fazem parte do trabalho de João Botelho, que se integram na sua obra conforme relações que fazem parte da sua identidade cinematográfica, relacionados, nomeadamente, com expressões artísticas exteriores ao cinema. Os dois primeiros filmes **Oh, Lisboa Meu Lar!** e **Anquanto La Lhéngua Fur Cantada** unem-se enquanto explorações viandantes do espaço, o primeiro num contexto citadino e o segundo no contexto "rural", e da identidade portuguesas, em contacto com a palavra e a poesia, declamada e cantada. O último filme, LA VALSE, está no limite entre a ficção e o ensaio, tomando como tema histórico e estético o bailado.

Oh, Lisboa Meu Lar! nasceu na continuidade de **Filme Do Desassossego**, a pedido da Câmara Municipal de Lisboa, que tinha o intuito de patrocinar um filme didático introdutório de Fernando Pessoa e da sua íntima relação com a cidade. Com o auxílio sonoro de trechos e versos do poeta, Botelho acompanha o elétrico 28 num percurso liga a Graça aos Prazeres e cujo trajeto une uma série de lugares associados à vida e obra de Pessoa. Da mesma forma que Botelho faz sobrepor o rosto de Pessoa com as imagens da cidade em vários momentos do filme, podemos dizer que é essa mesma ação de sobreposição que veicula uma ideia de Lisboa, o sentido em que as várias imagens dos espaços, das pessoas que neles o habitam e os animam criam com a palavra poética uma única imagem espaço-temporal, paradoxal às vezes, mas essencial para a compreensão da sua exploração cinematográfica. É um filme que se monta como um puzzle, em que cada imagem cria uma relação que cabe ao espectador, Lisboa ou não, descobrir e, principalmente criar. A viagem que se constrói neste filme é sensitivamente estabelecida através de palavras de Caetano que marcam uma grande inspiração cinematográfica sobre a construção deste filme: *“O essencial é saber ver, / Saber ver sem estar a pensar, / Saber ver quando se vê, / E nem pensar quando se vê, / Nem ver quando se pensa.”* Em **Oh, Lisboa Meu Lar!** Lisboa encontra-se incluída não só no movimento da poesia, mas numa sensibilidade visual intrínseca na montagem. E aqui, como nas imagens em que vemos primordialmente relação entre o espaços e pessoas de todos os setores sociais, vemos que o interesse de Botelho reside na vida de uma cidade, ou seja, na cidade enquanto a representação mais quotidiana de um coletivo, que é também a representação de uma pertença, de um sentimento comum, que neste caso se constrói entre a vida contemporânea e o forte peso poético que Pessoa imprimiu em Lisboa, sentimento que não se ensina didaticamente.

Rodado em Miranda do Douro, **Anquanto La Lhéngua Fur Cantada** é um filme de homenagem ao Mirandês, a segunda língua oficial de Portugal, e ao mundo único da sua música tradicional. “Uma língua nasceu-me: comi-a em merendas e bebi-a em fontes e em riachos. A outra veio de uma guerra de muitas batalhas. Agora tenho duas línguas comigo e não passo sem as duas”. Estas palavras dão início ao filme, através de Amadeu Ferreira enquanto pensa a experiência de viver no limite entre o Português e o Mirandês, revela, desde logo, um elemento comum à identidade portuguesa, que está na capacidade de incorporar um local, que neste caso é Miranda do Douro, de um modo transcendental como um mundo, ou, por outras palavras, de discernir a pertença social e cultural da vida em íntima relação com a terra originária. Estes elementos estão impressos nas músicas, cantadas pela voz de Catarina Wallenstein e pelo acordeão de Gabriel Gomes, músico conhecido pela participação nos Projetos Madredeus e Sétima Legião. Os dois caminham na caminha de Atenor, um burro Mirandês, preenchendo com a sua música as paisagens do planalto e as aldeias mirandesas. Com este percurso João Botelho confronta a música e a presença dos dois com a autenticidade das paisagens, das aldeias, das oficinas, preenchendo todo o espaço musicalmente e dando a ver e a ouvir mais canções por parte do povo que habita Miranda do Douro. Para além do matraquear dos pauliteiros e da presença dos Galandum Galundaina, cantam, por sua vez, duas senhoras idosas, um coro adulto e um coro infantil, unindo todas as gerações à volta de uma das mais singulares populações de Portugal

La Valse junta a ficção e a filmagem de uma performance e o cinema com a música e o bailado, fazendo uma exploração histórica e estética da Valsa, tomando como objeto temático a composição *La Valse, poème choréographique pour orchestre*, escrita por Maurice Ravel entre 1919 e 1920. Esta obra de tributo à valsa tem sido considerada como uma composição que alude à decadência da valsa enquanto género musical de referência nos séculos XVIII e XIX, decadência que age como uma metáfora à situação europeia durante a primeira Grande Guerra, ainda que Ravel tenha negado esta opinião

em favor da expressão e das intensidades puramente sonoras da linguagem musical. Esta obra foi ainda alvo de polémica, já que Sergei Diaghilev, amigo de Ravel e diretor artístico que a comissionou como um bailado, a recusou absolutamente após a audição de uma transcrição para dois pianos, afirmando que esta não se tratava de um ballet, mas de um retrato. O repúdio foi tanto que Diaghilev desafiou o compositor para um duelo, sendo que os dois nunca mais mantiveram contacto. Ao reconstituir este episódio, Botelho alerta não só para a sua importância histórica, mas também para as implicações estéticas que este "retrato" suscita numa época de profunda mudança artística e musical, cortando da recusa para um exercício contemporâneo da sua encenação pela Companhia Nacional de Bailado (CNB), a cargo de Paulo Ribeiro, realizado em 2012. Organizada em 4 atos que evocam os 4 elementos, esta interpretação estabelece desenha uma linha de 100 anos, refletindo, desta feita, a decadência europeia como condição da humanidade contemporânea, soltando as intensidades de uma nova desorientação social. Complementamos com as palavras que Ravel deixou no prefácio da partitura de *La Valse*: *"Através de nuvens turbilhantes, são vistos, aqui e ali, pares que valsam. A névoa dissipa-se gradualmente, distinguindo-se um imenso salão povoado por uma multidão que baila. A cena se torna cada vez mais iluminada. As luzes dos candelabros se acendem (...). Ambientado numa corte imperial, por volta de 1855."*

Manuel João Montenegro